

museumuseum

Ano 01
Nº 01
Outubro de 2006
27ª Bienal de São Paulo

museumuseum • Editorial [Ana Paula Cohen — museumuseum
Mabe Bethônico — O museumuseum na 27ª Bienal de São Paulo — Arquivo Histórico Wanda Svevo

ARQUIVE-SE

D MUSEUMUSEU
São Paulo 2006
[jornal]

Editorial / museumuseum

Iniciado por Mabe Bethônico no ano de 2000, o museumuseum caracteriza-se como uma estrutura que articula coleções, atividades, textos, imagens etc. organizados em quatro núcleos principais: *A História no Museu – documentos e ficções*; *Além do Museu – o museu na cidade e a cidade no museu*; *Há tempo no Museu – em tempo e exposições temporárias*; *A palavra no Museu – museu de palavra e palavra de museu*. Projetado e ativado para funcionar a longo prazo, o museumuseum constitui-se pela prática contínua de pesquisa, acúmulo, coleção, classificação e criação de novos sistemas a partir de elementos/documentos retirados de seu contexto original.

O convite para participar da 27ª Bienal de São Paulo foi tomado como um desafio pelo museumuseum: como propor uma presença física no pavilhão da Bienal, sem se restringir a uma apresentação didática de uma estrutura cuja complexidade não caberia num espaço padrão de exposição? Reduzir-se a uma obra de arte apresentada em uma mostra de grande escala como a Bienal seria trabalhar contra a natureza e os interesses do Museu. Esse jornal foi criado, portanto, com duas intenções principais. A primeira, apresentar ao público a estrutura do museumuseum, abrindo possibilidades de leitura, sem determinar os caminhos a serem percorridos. Estes se configuram naturalmente dependendo do interesse, do tempo e do tipo de aproximação de cada um às propostas do Museu. A segunda, possibilitar ao museumuseum uma intervenção no espaço físico da Bienal durante o evento – considerando que o jornal já funciona como presença institucional compreensível –, de forma mais coerente com suas atividades. O Museu servirá como mediador de pontos pouco visíveis, embora relevantes, no funcionamento entre a Instituição Fundação Bienal de São Paulo e seu público.

The project museumuseum, which Mabe Bethônico launched in 2000, is set up as a framework that articulates collections, activities, texts, images etc. organized into four main divisions: *History in the Museum*; *Beyond the Museum*; *There is time in the Museum*; *Word in the Museum*. Designed and activated to function as a work in progress, museumuseum materializes in the continual practice of research, accumulation, collecting, classification, and creation of new systems, involving elements/documents extracted from their original context.

The invitation to show at the 27th São Paulo Biennial posed a challenge for museumuseum: How to propose a physical presence at the Biennial pavilion that would not be restricted to a didactic presentation of a structure whose complexity does not fit in a standard exhibition format? For museumuseum to reduce itself to a work of art featured in a large-scale exhibition as the São Paulo Biennial would be to work against its nature and best interest. This journal was created, therefore, with two main purposes, the first of which was to publicly present the structure of museumuseum, offering the audience different reading possibilities, without hinting at possible paths to follow. These paths are to be configured naturally, depending on the viewer's interest, time availability, and approach to the Museum proposals. The second purpose was to allow museumuseum to intervene in the physical space of the exhibition venue during the event – assuming that the journal is already operative as an understandable institutional organ –, in a way that is more coherent with its activities. The Museum's project is to mediate points that, however relevant, are not too visible in the relationship between Fundação Bienal de São Paulo and its audience.

As coleções e atividades do museumuseu lidam com os limites entre ficção e realidade, documentação e construção, evidenciando como a informação pode ser construída e re-trabalhada continuamente, questionando assim uma verdade instituída, criada por instituições como o Jornal ou o próprio Museu. Nesse sentido, o museumuseu pode ser visto como uma prática de crítica institucional construtiva: se por um lado faz uso de instrumentos museológicos, criando sistemas de classificação, conservação e coleção de determinados objetos, por outro abre possibilidades de combiná-los e acessá-los de formas diversas, em diferentes tempos, propondo novas leituras e formas de apreensão daqueles materiais. Ao desconstruir afirmações absolutas e valores pré-determinados, e propor ao público que as reconstrua partindo de combinações variáveis, suas coleções subvertem e atualizam a própria noção de instituição.

O museumuseu, como um conjunto de propostas articuladas em uma estrutura flexível e de visibilidade inconstante, nos propicia uma experiência com uma noção que conhecemos, mas dificilmente compreendemos na prática. Se não existe uma só história, nem um só caminho para chegar a algum lugar, a maioria dos fatos, acontecimentos ou proposições não pode ser entendida como algo único, absoluto ou autônomo. Temos que lidar, diariamente, com a impossibilidade de abarcar de uma só vez a complexidade de sistemas e realidades do mundo em que vivemos. Se isso for verdade, porque deveriam as proposições artísticas produzidas hoje serem mostradas em um só espaço, prontas para serem apreendidas de uma só vez?

Em sua primeira edição, este jornal apresenta as coleções que constituem os eixos principais do museumuseu. Seu acervo histórico, por exemplo, é a *Casa Mineraria*: coleção de imagens relativas à mineração reproduzidas principalmente a partir de gravuras e desenhos dos primeiros livros publicados sobre o assunto (como o manual de mineração *De Re Metallica*, de Georgius Agricola, 1556). Um texto breve sobre a *Casa Mineraria* (p. 6) acompanha um ensaio visual proposto pelo museu como forma de apropriação, recorte e re-combinação de fragmentos da coleção (p. 6, 7); incluímos também uma introdução sobre o manual acima mencionado.

The collections and activities of museumuseu deal with the borderline between fiction and reality, documentation and construction, while explicitly showing how information may be constructed and continually reworked, thus interrogating an established truth created by institutions such as the journal or the Museum itself. In this sense, museumuseu may be seen as a 'constructive' institutional critique practice: if on the one hand it resorts to museological instruments to create systems for the classification, conservation and collection of certain objects, on the other hand it opens up possibilities for them to be combined and accessed in different ways, at different times, proposing new readings as well as new forms of apprehension of those materials. By deconstructing absolute truths and predetermined values, and suggesting that the audience rebuilds them from variable combinations, their collections subvert and actualize the very notion of institution.

As a set of proposals articulated into a flexible structure of inconstant visibility, museumuseu extends to viewers the possibility to experiment with a concept well-known in theory, but hardly understood in practice. If there is no main History, no single path leading to a given place, then for their most part facts, events, or propositions cannot be understood as something unique, absolute, or autonomous. In our daily lives, we have to deal with the impossibility to embrace all at once the complexity of systems and realities of the world in which we live. Should this hold true, then why should the current artistic propositions be exhibited in a single venue, ready for immediate apprehension?

In its first edition, this journal features the collections that make up the main axes of museumuseu. Its historical holdings comprise *Casa Mineraria*, a collection of images on mining taken mainly from print and drawing illustrations of the early publications on the subject (the mining book *De Re Metallica* written by Georgius Agricola in 1556, for instance). A short essay on *Casa Mineraria* (p. 6) and an introduction to Agricola's book accompany a visual essay that the Museum has put forth as a means of appropriation, cutout, and recombination of fragments from the collection (p. 6, 7).